

Campinas, 1932: um documento de coragem

Cel. JOSE' DA SILVA
Especial para o "Estado"

Os anos decorridos do histórico e sempre lembrado feito heroico da arrancada paulista de 9 de Julho de 1932 motivam a cada ano que transcorre, manifestações cívicas de grande re'vo, às quais dão participação entusiástica, alentado numero de veteranos da gloriosa, epopéia constitucionalista. Entre estes contam-se homens de todos os rincões da Patria que, porfiando o mesmo ideal, não faltam nesse dia com o seu esplendoroso exemplo de brasilidade, essa mesma brasilidade que foram, em verdade, os da comunidade nacional: pela Ordem, pela Liberdade e pela Lei!

Essas manifestações cívicas, contam nesse ato já quarentão com a presença honrosa de homens ilustres de São Paulo e de outros Estados, que aqui vêm testemunhar a sua vinculação cívico-patriótica aos nobres ideais que afloraram a inspiração e força da grande data, que teve à frente, a sublimar a nobreza do glorioso feito, a figura notável e inconfundível de Pedro de Toledo — autêntico "Varão de Plutarco"!

As comemorações deste ano contam, a exemplo dos anos anteriores, com a presença efetiva e honrosa das mais altas autoridades cívicas, militares e eclesásticas, que assim prestigiam e enaltecem as motivações cívicas da grata efemeridade. É justo que se dê reverência e destaque cívico à concentração dos veteranos e ao desfile em que, a um só tempo, exaltam as motivações do grande feito, rememorando os que tomaram heroicamente na refrega dos combates ou partiram deixando aos que ficaram o legado sublime do seu exemplo e a glória infinita da Saudade.

Abraham Nobre
Este ano tem ali presença singular, cinze'ada em rijo metal, aquela que em vida jamais fazemos a este ato de reverência e exaltação, e sempre soube dizer a São Paulo: "Em ti, minha Terra, palpitarão todas as potências da nossa formação". É, mais adiante, com aquela veze que Deus lhe deu, exclamar, como se fosse um autêntico Zezão de Cicó: "Minha Terra! Tu foste o filho abençoado, o amigo certo, o melhor irmão! Poste para o Brasil, em todas as suas horas, o Clarim! A Clareira! O Clarão!"

Feito este breve, descolorido e despretensioso introito aos motivos da nossa humilde invocação, queremos render preito às dignas autoridades federais, estaduais, municipais e eclesásticas, presentes à grata efemeridade, e fazer um voto de saúde aos heróis que tombaram na homérica arrancada de 32 e a todos que nela participaram, onde quer que se encontrem, a saudação cordial e fraterna, de quem, com eles comungou a mesma hostia do cívico ideal, que foi glória perene de São Paulo pelo Brasil.

Agora, sem respiroidores que faleçam a nossa congenita humildade, vamos tentar reviver aspectos do setor de Campinas onde a luta assumiu intensa atividade nos últimos 30 dias do grande e desigual confronto, entre as forças da Lei e da Constituição e as do outro lado.

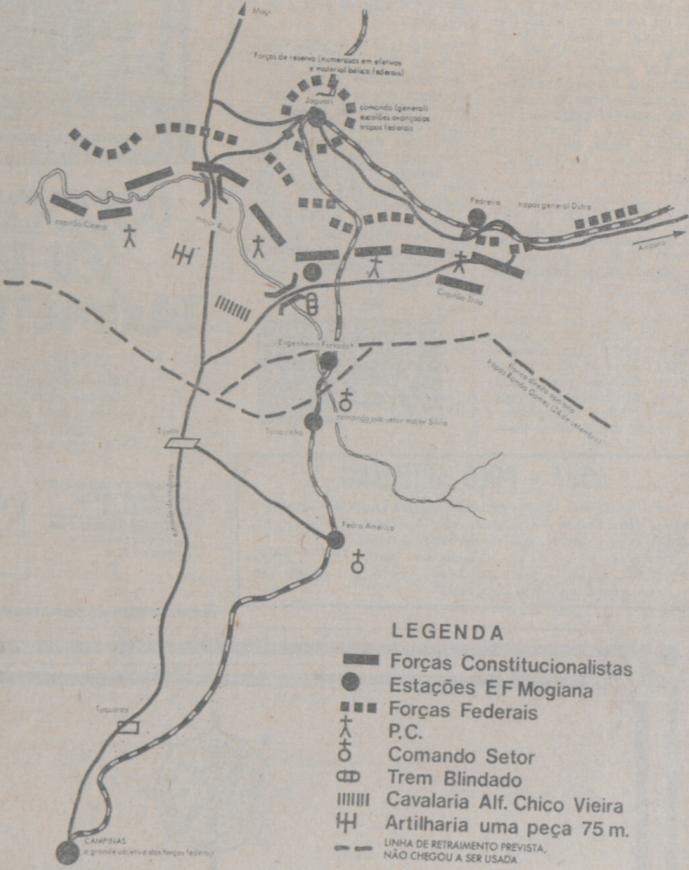
A Frente de Campinas
Na 2a quinzena de agosto de 1932, as forças militares fieis ao regime ditatorial instaurado no País nos idos de 1930, em circunstâncias bem sabidas, passaram a pressionar a cidade de Campinas, centro de relevantes entroncamentos ferroviário e rodoviário, cuja conquista lhes asseguraria amplas possibilidades de se projetarem pelo oeste sobre a capital do Estado, devendo-se também contar a enorme repercussão que essa conquista levaria aos demais setores da luta, e de outro modo, a aura jubílosa que iria empolgar todos os arraiais do governo ditatorial de então.

Com a queda de Itapira e Mogi Mirim na 2a quinzena de agosto a posição de Campinas tornara-se seriamente comprometida, não só para a estratégia militar das forças constitucionalistas, senão também para os destinos definitivos da nobre causa.

Tinham as forças da ditadura diante de si, duas alternativas preciosas com a conquista da bela e importante cidade campineira, a euforia da vitória e a enorme plenitude do valor estratégico e tático, que esse feito lhes dava, para mais depressa atingir o objetivo principal, ou seja, a opulenta Capital paulista.

As forças constitucionalistas batidas em Eleuterio e Itapira não tiveram condições de se manter em Mogi Mirim, seja pela confusão da hora, reinante naquela área, seja porque, o inimigo, explorando o exito submeteua desde logo a forte bombardeio aereo; seja ainda porque a cidade ficaria a curto tempo sob o alcance da artilharia adversária, contra a qual não existiam quaisquer condições de contrapartida.

Assim, a retirada teria um destino certo, a formosa cidade



de Campinas. Contudo, após o recuo do ultimo escalão vindo de Mogi Guaçu, já em plena noite, um grupo de valerosos soldados do grande ideal, tendo à frente o dr. Aureliano Leite, intimorato batalhador da nobre causa, deram ali um soberbo exemplo de coragem conseguindo, às barbas do adversário, inutilizar os serviços elétricos da cidade.

A tropa retirante, em ordem precária alcançou Jaguari, pequena localidade a mais ou menos meio caminho entre Campinas e Mogi Mirim. A maior parte foi ali contida graças à oportuna presença do cel. Vila Bela, chefe do E.M. do general Klingner, que ordenou que se fizesse ali o reagrupamento da tropa, tendo ele próprio se empenhado a fundo na execução dessa tarefa. Alguns escalões chegaram a alcançar Campinas e mais tarde retornados às novas posições em Jaguari.

No dia seguinte (30 ou 31/8/32), chegaram a Jaguari 2 batalhões vindos da Alta Paulista e Araraquarense, comandados pelo cel. E. Legeune, da F.P., e major Patrício Batista da Luz, também da F.P., tropa à qual estava vinculado o prestigioso e bravo soldado Constitucionalista Dr. Adalberto Bueno Neto e o não menos bravo e emérito jornalista Manoel de Araujo Reis.

O cel. Legeune foi pelo cel. Vila Bela, investido no comando daquela nova frente, passando-lhe a atribuição de completar o reagrupamento e estabelecer na região um sistema tático defensivo, a fim de impedir que as tropas adversas viessem a ter a posse da cidade de Campinas, agora logicamente seu próximo e principal objetivo.

Fomos a essa altura designados para chefiar e compor o Estado-Maior do cel. Legeune. Estavamos ainda empenhados nessa tarefa quando chegaram ali, vindos de S. Paulo, o cel. Saturnino de Paiva e o capitão Alves Bastos, credenciados para assumir o comando daquela frente, ficando o cel. Legeune liberado dessa responsabilidade e assim as designações que fizera invalidadas.

Em Jaguari, o cel. Saturnino de Paiva e o então cap. Alves Bastos desenvolveram intensa atividade, visando restaurar as energias cívicas e morais da tropa e estabelecer uma linha de cobertura sobre os eixos das estradas de ferro e de rodagem que levam a Mogi Mirim a fim de, com maior segurança, realizar a difícil tarefa de reagrupar os elementos vindos de Itapira e Mogi Mirim e, entre outras coisas, organizar e enquadrar reduzidas unidades de combate (batalhões de 400 a 500 homens), para com esses contingentes estruturar um sistema defensivo na região dos rios Jaguari e Csananducaia, capaz de, pelo menos, retardar a marcha das forças contrárias sobre o grande e cobiceado objetivo, a cidade de Campinas.

O cel. Saturnino de Paiva, depois do seu segundo dia de intensa e produtiva atividade, renuncia a responsabilidade da pesada investidura do comando daquela frente e, retirando-se para São Paulo acompanhado do seu valeroso e prestante auxiliar, cap. Alves Bastos.

Obviamente, esse procedimento obedeceu a decisão do alto comando revolucionário, do qual não tivemos conhecimento.

A essa altura, chegam a Ja-

guari instruções telegráficas do Comando Geral da Força Pública de São Paulo, firmadas pelo chefe do E. M. desta corporação, o saudoso cel. Francisco Julio César Alfieri, atribuindo ao cel. Eduardo Legeune o comando do setor Sudoeste, instalado na cidade de Campinas.

Concomitantemente, outra mensagem telegráfica dava conta de dupla notícia: a do nosso comissionamento no posto de maior e a da nossa designação pelo gen. Klingner, para o Comando do Sub-Sector Jaguari-Pedreira que se deveria constituir no esteio da defesa de Campinas, visto ser esse o caminho natural buscado pelas forças adversárias, para o seu esforço principal, visando a conquista da importante cidade.

Sentimos bem o enorme peso das nossas responsabilidades, sem embargo da precariedade de meios para a ingente tarefa, não nos ativemos a quaisquer considerações, senão as de viver aquele momento grave e agir em consequência de acordo com os imperativos do momento, entrando de rijo na tarefa de reagrupamento das forças disponíveis, atribuindo-lhes comandos e missões de vigilância e defesa, dentro da conjuntura tática do momento, dando ênfase às imposições da obediência e da disciplina, a fim de reativar o espírito de luta e revitalizar em cada um a nobreza da causa.

Como coramento deste esforço, idealizamos com a participação dos comandantes dos grupamentos já organizados (embora um tanto precariamente) uma operação ofensiva visando a retomada de Ressaca e Alfa, através de um ataque frontal com 4 batalhões de efetivo reduzido, e a cooperação de um ataque de flanco partindo de um ponto pré-estabelecido da estrada de rodagem Jaguari-Mogi e, a hora, também pré-escolhida. Articulado o dispositivo de combate, faz-se a colheita das informações através de patrulhas de reconhecimento, expedidas às 4 horas do dia 6 de setembro, as quais adentraram mais de 2.500 metros sem encontrar vestígio de forças adversárias.

Ordenamos-lhes que se mantivessem no terreno e aprofundassem a observação e o reconhecimento do mesmo, em toda a extensão, (aproximadamente 2.000 metros), tendo sempre como eixo de penetração a estrada de ferro, no rumo de Ressaca.

A seguir, o dispositivo ofensivo é movimentado. O objetivo preliminar é Ressaca, o principal Mogi-Mirim dependendo em boa parte do exito das operações na região de Amparo (sub-setor a nossa direita).

A progressão prossegue em ritmo normal, 3 batalhões em 1.º escalão e um 4.º batalhão mais a retaguarda em condições de dar apoio aos da frente, se necessário, consoante o exigissem a situação tática, e o transcorrer da luta.

As 8 horas aproximadamente as patrulhas de recolhimento são hostilizadas com intenso fogo de infantaria e rajadas de armas automáticas. Aferram-se ao terreno e informam sobre os contornos do dispositivo adversário, que teria como base de apoio a fazenda S. José, onde, segundo um civil que aprisionaram, chegara pela manhã um grupo de artilharia com 4 peças e alguns contingentes de infantaria.

Diante dessas informações, momentos após confirmadas por outro civil também aprisionado e que dissera ser o administrador da fazenda S. José, imprimimos maior impulso à ação ofensiva visando alcançar e dar combate ao adversário já identificado na região da referida fazenda, ao mesmo passo que procuramos ligação com as unidades que, sob o comando do Major Musa da F. P., deviam ter iniciado sobre a estação de Ressaca, com um contingente do 6.º BC da F. P. e o batalhão General Marcondes Salgado.

Entretanto, as unidades de Vanguarda da operação ofensiva em curso, tomam contato com as forças federais dispostas nas proximidades da Fazenda S. José, em posições defensivas de precária configuração. As posições avançadas dessa defesa foram por nós batidas com certa facilidade, e obrigadas a se retirar para o

reduto da fazenda S. José. A artilharia, sentindo a fraqueza do seu suporte, empreende precipitada retirada na direção de Ressaca ou Alfa. Nesse precioso instante, um batalhão de voluntários Baianos, que fora estendido em posição de combate cobrindo a frente da fazenda, foi abordado por vigorosa carga de baioneta precedida de intenso fogo, de que participaram algumas metralhadoras.

Essa tropa de voluntários Baianos, foi batida, tendo a maior parte renunciado a luta, entre lancinantes gemidos de feridos e lamentações de prisioneiros, sendo estes mais de duas dezenas, pois muitos ao perceber a retirada da artilharia, abandonaram com ela as posições que defendiam. Os feridos e os outros prisioneiros foram de imediato levados para Jaguari e desta localidade para Campinas.

Depois procedeu-se ao reagrupamento dos contingentes que tiveram parte ativa na refrega, que foi breve, graças à debilitação do adversário. Era quase meio-dia, impunha-se o restabelecimento do dispositivo de ataque, o qual foi feito, em concomitância com a alimentação da tropa, e o arrolamento do material apreendido, de grande valia aliás, para as necessidades da hora e que constou de alguns fuzis metralhadora (ZB), mais de 130 fuzis novos, 18 cunhetes de munição para fuzil e armas automáticas (FM) e numerosas peças de equipamento de campanha. Disponhamo-nos e prosseguir a operação ofensiva sobre Ressaca, embora seriamente preocupados com a ausência do movimento de flanco (esquerdo), que até aquele instante não dera sinal de vida, sendo certo que essa operação levaria ao campo adverso sérios embaraços dos quais se beneficiaria o ataque frontal, que estavamos impulsionando, quando agentes de ligação procedentes de Jaguari, nos trazem a surpreendente notícia da queda da cidade de Pedreira, então integrada no sub-setor de Amparo.

Essa notícia era de suma gravidade, porque assegurava às forças contrárias, que operavam na região de Amparo, tendo a comandá-las o valeroso chefe militar, hoje ex-celso marechal Eurico Gaspar Dutra, seguras possibilidades de levar a efeito um duplo movimento de grande envergadura, e que se pode resumir neste binômio:

a) Cortar a nossa retaguarda, entalando entre dois fogos as tropas Constitucionalistas, que se encontravam em ação ofensiva sobre Ressaca (já quase a vista).

b) Marchar sobre Campinas, "de armas em Bandoleira", porque aquela frente encontrava-se inteiramente aberta. Mas, a guerra tem sempre as suas surpresas e os seus imprevistos.

Para que o bravo Comandante das Forças Federais se dispusesse a uma operação de tal envergadura e arrojo, precisava de dois importantes elementos para tomar a decisão: 1.º) Ter conhecimento seguro, que aquela região, Pedreira-Carlos Gomes-Campinas, estava inteiramente desguarnecida e

2.º) Contar com efetivos de manobra que abonassem o sucesso de uma operação desse porte.

Nesse instante, num relance da conjuntura tática que nos envolvia, sentimos bem, lá nas proximidades da Fazenda S. José, o risco que corria a tradicional e valerosa cidade de Campinas, e a ameaça que pairava sobre São Paulo, se a frente de Campinas viesse a desmoronar-se, por força de um golpe de audácia das Forças da ditadura, forrada por abundantes meios de ação de que estavamos fartamente providos.

Além disso, que enormes e desfavoráveis reflexos levaria, um colapso dessa ordem, às demais frentes (Norte e Sul) onde a luta era ainda crepitante e tenaz?

Foi ainda sob este alude de previsões graves, de ressentimentos e de hipóteses sombrias, que de momento às imposições do dever reavigorando as nossas energias, para sustentar com dignidade e honra, o brevíssimo simples das responsabilidades que naquela hora nos assoberbavam, e, daí partimos para as decisões possíveis, em meio às severas inquietudes do momento.

Essas decisões obedeceram às razões psicológicas e a imperativos táticos de primeira mão. Assim enviamos dois oficiais a Jaguari com instruções, para fazer de imediato, deslocar para a cidade de Campinas os elementos civis retirantes da cidade de Pedreira, já agora de posse das forças adversárias, acionando para essa tarefa a participação das autoridades de Campinas (aqui são obvias as razões psicológicas da medida); ato contínuo demos ao Comando do Setor Oeste, instalado em Campinas, informes precisos sobre a situação militar que estavamos vivendo e as providências que estavamos tentando tomar, para estabelecer na região do Atibaia (rio) um dispositivo tático defensivo sobre os eixos da estrada de ferro Mogiana e estrada de rodagem, Campinas — Mogi Mirim, com distensão até as alturas da margem esquerda do rio Jaguari visando impedir possíveis ações de penetração de forças providas da região de Pedreira, e, ao mesmo tempo encarecíamos a necessidade de nos serem enviadas unidades de reforço, tendo em vista a exiguidade dos nossos efetivos para a cobertura da extensa frente Carlos Gomes — Pedreira, e, também, o estado de fadiga das forças sob nosso comando. Ao mesmo tempo, medidas militares eram acionadas objetivando o retraimento ordenado dos contingentes até ali empenhados num esforço ofensivo, relativamente bem sucedido, sobre Ressaca, e que se interrompia, por motivos de segurança, aliados a circunstância de melhorar e em novo estilo, assegurar a continuação da luta, considerando os nobres ideais da grande causa em pauta, isto é, a Constitucionalização do País.

Assim, o retraimento da tropa foi feito sobre Carlos Gomes dado como local de acoplimento das unidades em retração, no mesmo tempo que oficiais auxiliares do nosso comando, fixavam os contornos de uma linha de vigilância e resistência, cobrindo toda aquela extensa frente até que trabalhos posteriores, e reforços em efetivos e meios, tornassem possível dar maior solidez ao sistema, visando defender o ponto a ponto toda a extensão do sub-setor, malgrado a posição linear debil, que fomos forçados a adotar pelas imposições do terreno e a vasta frente que era preciso vigiar e defender com exíguos efetivos.

Como elementos de apoio após os primeiros dias, contávamos com apenas 4 baterias de bombardas, todas bem adestradas e eficientes e uma peça de artilharia, movimentada pelo tenente Rodão (de Mato Grosso), em permanentes ações de "roque", um trem blindado empenhado em levar inquietação ao campo adversário, através de esporádicos golpes de audácia, e um grupo de cavaleiros sob o comando de um valeroso paulista o coronel "Chico" Vieira (de Itapira).

SAMSÃO CHAZAN
Família - Herança - Imóveis
Advocacia Civil
R. Xavier de Toledo, 114, cj. 410.
Tel. 37-3623.

CARIMBOS ZEPPELLINI
CARIMBOS ULTRA RAPIDOS
RUA DA CONSTITUIÇÃO Nº 27
RUA GUAIANAZES Nº 19
FONES - 32-9148 34-9703

CURSO DE COMUNICAÇÃO ORAL
Como vencer a inibição e desenvolver o DISCURSO, a CONVERSACÃO e o DEBATE — Exercícios individuais.
INSTITUTO DE ORATÓRIA "ADMIR RAMOS"
autor de obras sobre a matéria.
Também cursos especiais para jovens de 12 a 16 anos.
RUA MARIA PAULA, 122 — 11.º ANDAR — Conjunto 1104 — Fone: 35-1990. Informações à tarde.

VESTIBULAR
INSCRIÇÕES ATÉ: 13/7
FACULDADE INTERAMERICANA
Cursos Superiores de: ANÁLISE DE SISTEMAS — COMÉRCIO EXTERIOR — FINANÇAS E INVESTIMENTOS — ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR.
Rua Stella, n.º 22 — Telefones: 71-5896 — 70-2743 — PARAÍSO — Capital — S.P.

Imposto de Renda

Ao pagar a primeira parcela do seu Imposto de Renda, não esqueça de entregar o Certificado de Compra de Ações, para não perder o prazo de aplicação. Para sua maior comodidade, pague seu Imposto de Renda em qualquer uma das 468 agências do Banco Itaú.



Itaú
O Banco que luta por você.

ATENÇÃO SRS. PROPRIETÁRIOS
CONFIEM A VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE SEUS IMÓVEIS **SOMENTE** A CORRETORES DE IMÓVEIS SINDICALIZADOS.
• SINDICATO DOS CORRETORES DE IMÓVEIS NO EST. DE S. PAULO. •

Na Assembléia, culto aos heróis

Associando-se às comemorações do 41.º aniversário da Revolução Constitucionalista, a Assembléia Legislativa realizou ontem reunião solene em honra aos participantes da epopéia. Duzentos e trinta veteranos — entre os quais 25 distinguidos postumamente e nove senhores — foram agraciados com a "Medalha da Constituição", instituída pela Casa em 1962 para testemunhar o respeito e a gratidão dos representantes do povo de S. Paulo pelos idealistas de 32.

Segundo o major Harley Teixeira de Faria, secretário executivo da Comissão da "Medalha da Constituição", eleva-se a 10 mil o número dos veteranos distinguidos pelo Legislativo paulista.

Além de quase todos os agraciados, estiveram presentes à cerimônia numerosos outros participantes do Movimento, representantes do governador Laudo Natel, da Câmara dos Deputados, de secretários de Estado e de outras autoridades, o presidente da Sociedade Veteranos de 32 — MMDC — capitão Francisco Molinari, e o presidente da Sociedade Veteranos de 32 da Guanabara, tenente Dirceu Rodrigues Mendes.

LUTA CONTRA O ARBITRIO

Abrindo os trabalhos, o presidente da Assembléia, deputado Salvador Julianelli afirmou: "O Movimento Constitucionalista de 32 foi uma epopéia que se inscreveu na história pátria como demonstração vibrante do espírito de brasilidade do povo paulista. O objetivo colimado era nacional. O Brasil inteiro sufocava. Lutava-se em São Paulo contra o arbitrio, em nome da Lei. Combatia-se a iniquidade, em defesa dos direitos individuais. Desfraldava-se a bandeira da Constituição. As exortações de Ibrahim e os poemas de Guilherme incendiavam de entusiasmo a alma popular, despertando-lhe os mais vivos sentimentos libertários. E a arrancada gloriosa não se consumou em vão: foi semelhaça que frutificou, ainda que depois da derrota militar amargada pelos idealistas que bataram nas trincheiras ou na retaguarda. A chama redentora da Constituição haveria de acender-se tempos após, e foi justa recompensa dos sacrifícios feitos pelos heróis da Revolução. A eles, será justo que não falte nunca a palma do reconhecimento nacional. Que sua memória seja cultuada imorredouramente".

LUZ QUE NÃO SE APAGARA'

Julianelli, a seguir, passou a direção dos trabalhos ao deputado Waldemar Lopes Ferraz, 1.º secretário da Assembléia e presidente da Comissão da "Medalha da Constituição", que deu a palavra ao deputado Fauze Carlos.

"A "Medalha da Constituição" — disse o parlamentar — está sendo entregue na Casa



Foto Messias Augusto da Silva

Na Assembléia, a entrega de medalhas

das Leis, pelos representantes do povo, aqueles que fizeram jus ao prêmio dignificador. Eu os saúdo em nome da Assembléia Legislativa de S. Paulo, à convite do nobre deputado presidente, Salvador Julianelli, e do nobre e digno presidente dessa Comissão, deputado Waldemar Lopes Ferraz.

A "Medalha da Constituição", senhores, é a medalha da lei, da Justiça da Segurança. E para os olhos dos que amam a Pátria esta condecoração lampeja, resplandece como o brilho das estrelas. E a luz desta medalha jamais se apagará, porque nela arde uma tocha invisível, alimentada pelo sangue dos que tomaram combatendo a tirania e defendendo a "liberdade".

Provocando reiterados aplausos, o orador citou pensadores, estadistas, políticos defensores dos princípios libertários e líderes do Movimento, evidenciando que a Revolução de 32 irrompeu em defesa da lei, da Lei Magna. Por isso, passou à história como a Revolução Constitucionalista. Lembrou ainda que o apoio de correntes constitucionais do Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Minas à luta deflagrada pelos paulistas constitui prova irretorquível de que a Revolução não tinha qualquer sentido separatista, como maliciosamente alguns procuram lhe atribuir.

integridade étnica e geográfica do território nacional".

A GRANDE LIÇÃO

Especialmente convidado pela presidência, Hermann Moraes Barros, participante do Movimento, evocou a data tão cara a todos os paulistas, lembrando que o 9 de Julho foi o prosseguimento das lutas democráticas iniciadas com os rebeldes do Forte de Copacabana, onde avulta a figura de Eduardo Gomes, que tiveram outros episódios marcantes como a Revolução de 24 e a de outubro de 1930.

Instalado o governo provisório, afirmou, logo se convenceram os idealistas do Partido Democrático de que o chefe do movimento tinha indistiguíveis aspirações ditatoriais.

"Com o mesmo ardor com que haviam combatido a oligarquia anterior a 1930, passaram a pregar a volta imediata ao regime constitucional".

"A juventude de S. Paulo acudiu à convocação do novo governo civil e paulista — chefiado por Pedro de Toledo — e partiu para a mais bela aventura da história pátria. Despreparada — mal armada e inferiorizada no número — mas convencida da justiça do ideal que perseguia, talvez sem se aperceber, escreveu, quase ingenuamente, páginas de dedicação e despreendimento, que deram à causa a força moral que a derrota não pôde destruir. Esta a grande lição de 1932. Por ela se confirma, mais uma vez, a vocação de S. Paulo: servir à unidade e à grandeza do Brasil".

Os jovens de 32, prosseguiu, foram dignos dos bandeirantes, dos Andradas, dos criadores da riqueza cafeeira e industrial e ao mesmo tempo daqueles que se insurgiram contra o drama deplorável da escravidão e abriram as portas do País à imigração. Deram seu sangue e suas vidas pela grandeza da pátria comum, foram os precursores dos paulistas de hoje, que

TAPETES PERSAS!!!

Mercadoria recém chegada. Tapetes Afghã, Bochara, Kazack, Schivan, Belutch e tapetes de oração. "TAPETES VALIERO" — Viaduto 9 de Julho, 185 e Rua Major Queidino, 95, em frente ao "Estado". — Fone 256-0102.

sem hesitação partiram ao auxílio de nossos irmãos do Centro, Norte e Nordeste, levando-lhes sua solidariedade de trabalho, técnica e recursos, repetindo a epopéia bandeirante na configuração da conquista das grandes extensões, por ela delimitada. "E' sempre o mesmo S. Paulo, em sua vocação de servir e trabalhar pelo Brasil".

A geração de hoje, a geração a que pertence a maioria dos deputados de S. Paulo, afirmou ainda, é também digna depositária da mesma confiança.

"Sinto, então, que ao homenagearem, como já se tornou tradição nesta Casa, a memória dos heróis de 32, e porque sois os continuadores da grande obra iniciada pelas gerações passadas. Sinto que marcham na senda dos mesmos ideais.

Sinto que o Brasil pode confiar em vós".

"Sinto que hoje e no futuro a nossa e as gerações vindouras continuarão a enaltecer a memória dos heróis de 1932 — dos heróis do 9 de Julho — hoje data Nacional. Sim, senhores deputados, data nacional, que reverência como heróis, todos os brasileiros, de todos os tempos, de todas as facções, igualmente idealistas, que, por caminhos diferentes, também lutaram pelo Brasil. Este, meus jovens amigos da Assembléia, o verdadeiro significado do 9 de Julho de 1932".



ÁGUA - POÇO ARTESIANO

Água no sub-solo de sua propriedade, solução rápida e econômica para resolver definitivamente o problema de abastecimento de água de sua fazenda, granja, chácara, casa de campo ou indústria.

Perfuramos em poucos dias. Consulte-nos. AGUATEC — POÇOS ARTESIANOS LTDA. — Rua Santa Justina, 209 — Tel.: 61-0350. (A.H. Av. Santo Amaro, n.º 1.100) — S. Paulo

ACOMPANHE O PROGRESSO DA TÉCNICA



COLOQUE NO SEU TÁXI UM TAXÍMETRO ARGO

Vantagens: controle total da receita e o preço exato pelo serviço prestado. O mecanismo preciso e a alta técnica de fabricação garantem ótimos resultados e proporcionam maior durabilidade ao aparelho.

ARGO conta com assistência técnica permanente.

TAXÍMETRO ARGO ATENDE INTEGRALMENTE AS EXIGÊNCIAS DA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA. Aprovado pelo INPM Portaria n.º 2/70



Distribuidor exclusivo: COM. E IND. NEVA S.A.

Rua Anália, 982 Fones: 52-6186 01130 - São Paulo Av. Rio Branco, 39 - 17.º andar - Fone: 243-0031 20000 - Rio de Janeiro



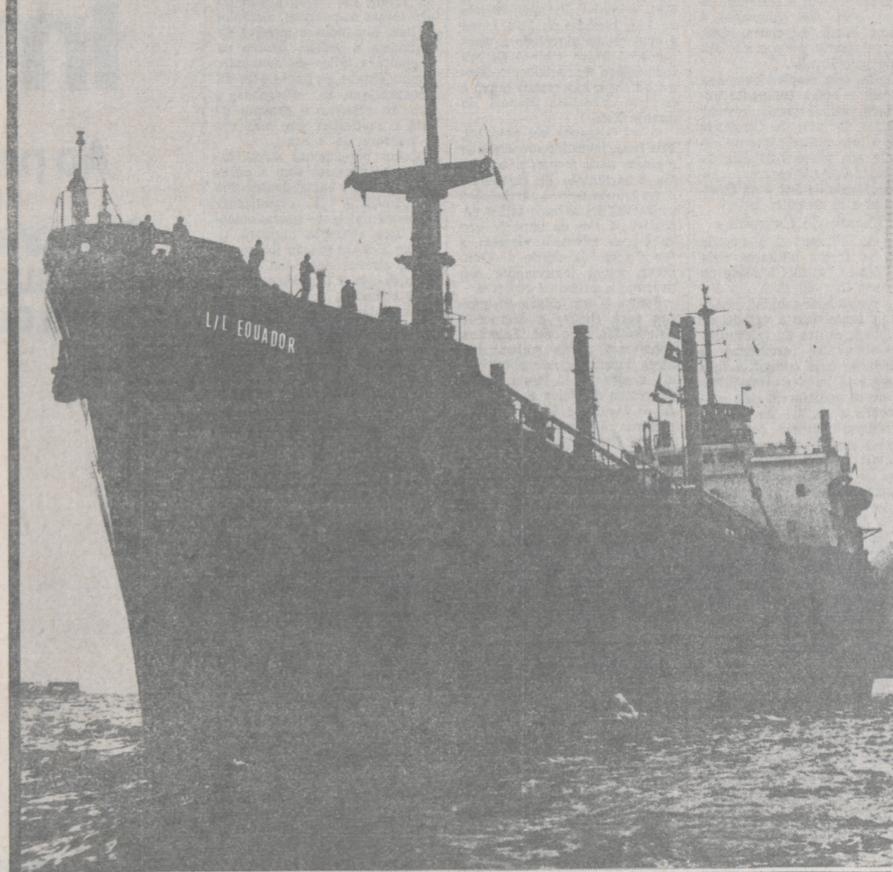
COMPANHIA COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO

ESTALEIRO MAUÁ

LANÇA AO MAR O "L/L EQUADOR"

PARA A

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO LLOYD BRASILEIRO / LIBRA-LINHAS BRASILEIRAS DE NAVEGAÇÃO LTDA.



L/L Equador, de propriedade do Loide/Libra, construído pelo Estaleiro Mauá como parte do Programa de Construção Naval do Presidente Médici, desenvolvido pelo Ministério dos Transportes através da SUNAMAM.

O L/L Equador é o 4.º navio lançado em 1973 e o sétimo navio da série SD-14 que lançamos. É parte da nossa colaboração para o desenvolvimento da frota mercante brasileira e o resultado da eficiência e produtividade do nosso Estaleiro.

ESCAVADEIRA S-90 FIAT NACIONAL NÃO ESCOLHE SERVIÇO. EXECUTA.

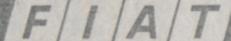


Caçamba 0,78 m³
Alcance 9,00 m

Motor 95 HP
Peso 16,2 T

As obras de retificação do Tietê são alguns dos desafios que a ESCAVADEIRA FIAT S-90 NACIONAL enfrenta e vence. Ela não escolhe serviço. Executa qualquer um: abertura de valetas, canais, obras de saneamento, fundações. Trabalhando em importantes obras de Entidades Públicas e particulares tais como: D.A.E.E., Prefeitura Municipal de São Paulo, Constran, Firpavi, Consursan, Cemapa (RS), Cia. Paulista de Mineração, dá testemunho cabal de que se tornou a máquina mais adequada às atuais necessidades do espetacular desenvolvimento brasileiro. Quando você precisar de uma escavadeira que resolva o seu problema, a S-90 está aí. E mais: uma grande rede de Concessionários e Agentes em todo o Brasil lhe garantirão perfeita assistência técnica, quer em serviço, quer em peças genuínas de reposição.

SÃO PAULO - MINAS GERAIS



TRATORES FIAT DO BRASIL S.A.

Campinas, 1932: um documento de coragem

Com estes elementos de exíguas efetivos e uma larga frente de mais de 25 quilômetros, como veremos mais adiante, pudemos sustentar a defesa da valerosa cidade de Campinas durante todo o mês de setembro até o término da gloriosa epopéia Constitucionalista de São Paulo em 30/9/32.

Como reforço recebemos de imediato o batalhão (voluntários) N. S. Aparecida, muito bem comandado pelo então capitão do E. N., Carlos Trita, um Batalhão do Colégio Arquidiocesano da Capital, um contingente de Justiça Paulista, um contingente de voluntários de Pinhal e um grupo de sapadores aproveitados na abertura de trincheiras e outras armaduras defensivas.

Todos esses reforços, constituíram unidades de reduzidos efetivos e precária aparelhagem para a luta — fuzis usados e escassa munição.

Era com essa gente e com esses meios, de fraco enquadramento e de mui reduzido potencial de fogo, que tínhamos de nos agarrar ao terreno e defendê-lo de um adversário potente em organização, efetivos e principalmente, em armas de guerra do mais variado potencial.

Essa foi a situação que vivemos em dramáticos episódios, no terreno de ação, e que, por mereço de Deus, e a justa motivação do grande ideal que nos empolgava, nos fez permanecer ali durante todo o mês de Setembro até ao fim da luta, quando este fim nos foi dado a conhecer através de ordem que recebemos e que nos ordenava procedermos à operação de retraimento de toda a tropa sob nosso comando para a cidade de Campinas e dali para São Paulo, portando todo o material de guerra e intendência, (documentação em nosso poder).

Esta ordem que conservamos em original está assim datada: "Quartel General em Campinas 30 de Setembro de 1932, etc., etc., etc." Era o fim desta epopéia de heróis!

Aqui poderíamos encerrar este longo e fastidioso relato. Mas é óbvio que, chegando a este ponto culminante e final de uma luta, que se poderia considerar estóica, porque muito desigual, estaríamos faltando a um dever de justiça, para com os bravos combatentes que ali, aferrados ao terreno, no derradeiro mês do pertinaz confronto de duas vontades, uns servindo as imposições da ética e do dever profissional, defendendo o alvídrio que sufocava a Nação, outros servindo da Lei, da Liberdade e à inspiração Patriótica de um Brasil Constitucionalmente Livre e Democrático!

Estes abreviados registros de acontecimentos que tiveram lugar há 41 anos, visam apenas referenciar episódios de um vasto e heróico esforço de guerra revolucionária, realizado em São Paulo, objetivando restaurar para o Brasil as suas tradicionais aspirações de soberania constitucional. Sabemos, ou melhor, isso é bem sabido de quantos viveram na época, a intensa vibração que empolgou São Paulo e o Brasil, que o setor da Mogiana, não foi de início muito pressionado pelas forças da ditadura que se empenharam mais a fundo no Vale do Paraíba (Tunel-Batedor, Cruzeiro, Cachoeira, Cunha), e na frente sul (Itararé, Capela da Ribeira, Buri) tentando por ali esforços máximos visando a conquista da Capital.

Mas, é fato notório, que sentindo dificuldades em empurrar a vigorosa resistência desses setores (norte chamado) e sul, o comando das forças federais, buscou abrir caminho rumo ao seu principal objetivo, através do setor da Mogiana, promovendo grandes concentrações de forças e meios de combate, a fim de, pela conquista de Campinas, e outras cidades próximas, realizar o seu intento maior, alcançar S. Paulo.

Este pressuposto é de elementar evidência.

Dai a importância que passou a ter esta frente (a da Mogiana) no 3.º mês (setembro) para a sorte das armas constitucionalistas, que não capitularam.

A luta aqui passou a assumir singular intensidade, e se desenvolveu pela forma já descrita.

Foram aproximadamente 30 dias de confrontos obstinados ao longo da extensa linha de defesa que ia das proximidades da cidade de Pedreira (margem esquerda do rio Jaguari), até a fazenda Japonesa, situada à margem esquerda do rio Atibaia.

Era uma linha tenue, embora razoavelmente escalonada, sem qualquer suporte de efetivos de reserva para manobras de apoio ou de reforços aos pontos onde se verificassem rupturas do dispositivo.

Vivendo bem a fragilidade deste quadro armado e sustentado pelo valor de seus bravos componentes (regulares e voluntários), as informações que, periodicamente, dávamos ao Quartel General do Setor, obedeciam sempre a esta forma: "a situação nesta frente mantém-se estável sem embargo da sua gravidade, não é todavia, desesperadora" e, insistíamos, quase sempre em vão, na necessidade de reforços e provisões em armas e munições.

A nossa atitude fundava-se na imposição do dever de bem e, lealmente, informar os órgãos superiores, alertando-os para os imensos perigos, que adviriam para os destinos da revolução se se verificasse a capitulação de Campinas.

Havia no esquema defensivo uma unidade que tinha o nome da Santíssima Padroeira do Brasil, N. S. Aparecida. Ela, por certo, esteve conosco nesta grave conjuntura, e nos

ajudou neste esforço gigantesco, para que Campinas merecesse, como teve, o nobre galardão de cidade invicta.

Invicta de 1932 sim, porque ela não capitulou!

As tropas da ditadura só a adentraram depois de finda a luta, quando já imperavam de novo as boas razões da fraternidade nacional.

E a quem deveu Campinas o heroísmo de sua resistência e que, em bom tom, lhe assegurou a meritoria laurea? Foi a este punhado de valerosos paulistas e de brasileiros de todos os rincões da Pátria, que irmanados no mesmo grande ideal desta soberba arrancada Constitucionalista, fundaram nessa união a sua fé e sua coragem, sublimando acrisolados sentimentos de fraternidade brasileira, que não excluía os que lutavam do lado de lá, e que, por isso mesmo, jamais lhe demos aqui o tratamento de inimigos, porque eram, ocasionalmente, nossos adversários, sem deixar de ser nossos irmãos.

Faltáramos a um dever de justiça e também de dignidade militar, se deixássemos de registrar no relato destes graves e denodados esforços, nominalmente, os valerosos comandantes dos grupamentos que deram armadura ao siste-

1.º Grupamento (ou B) | Comandante, Cap. Raul Pinto de Melo — F.P.S.P.

Tropa: Duas Cias. do 6.º B.C. da F.P.S.P. 250 homens

Bat. 7 de Julho 120 "

Bat. Diocesano (Capital) 130 "

Contingente da G. Civil de S. Paulo 70 "

Total — 580 "

2.º Grupamento | Comandante, Cap. Benedito Pedro dos Santos — F.P.S.P.

Tropa: Bat. Catanduva (voluntários) 120 homens

Bat. Rio Preto 110 "

Bat. Misto (conting. diversos/vol.) 100 "

Bat. Serra Negra (voluntários) 150 "

Total — 480 "

3.º Grupamento (ou B) | Comandante, Cap. Carlos Trita do E.N.

Tropa: Bat. N. S. Aparecida 180 homens

Cia. do 7.º B.C. da F.P.S.P. (Ten. Izidoro) 90 "

Bat. Pinhalense 80 "

Bat. Liga de Defesa Paulista 150 "

Total — 500 "

4.º Grupamento (B) | Comandante, Cap. Cicero Nunes da Costa — F.P.S.P.

Tropa: Bat. Noroeste 110 homens

Bat. Gal. Ozório 83 "

Bat. Gal. Paulista 146 "

Cia. 3.º B.C. da F.P.S.P. 50 "

Total — 389 "

5.º Grupamento (B) | Comandante, Major Leonidas (civil)

Batalhão de efetivo reduzido, formado por contingentes mistos a saber:

a) Elementos da Justiça do Estado 80 homens

b) Elementos de Novo Horizonte 100 "

c) Elementos da Legião Negra 70 "

Total — 250 "

Outros elementos engajados no sistema defensivo, conforme os desdobramentos das ações:

a) Pelotão de Cavalários, comandado pelo Cel. Francisco Vieira — Itapira 50 homens

b) 5 baterias de bombardas com 5 peças cada, assim comandadas:

1.º — Ten. Luiz Teixeira, F.P. 50 "

2.º — Inspetor Pedro Kaufmann, G.C. 56 "

3.º — Cap. Dr. Vieira (civil) 40 "

4.º — Legião Negra (comando ignorado) 40 "

c) Uma peça de artilharia, 75m (Mato Grosso) dirigida pelo Ten. Roldão do E.N. 16 "

d) Uma Cia. de Estabelecimento, comandada pelo Ten. Latino (civil) 60 "

e) Um serviço de Intendência, dirigido pelo Cap. Dario Vilhena da F.P. 8 "

f) Dois estafetas — motocicletas 2 "

g) Serviço de Saúde, a cargo dos Capitães Dr. Arthur da Mota Bicudo e Dr. Brasil Cococci. Com 4 enfermeiras e 4 padoleiros 8 "

h) A estes elementos há apenas a acrescentar os componentes dos órgãos de Comando, instalado na Estação de Tanquinho, a distancia relativamente curta do dispositivo avançado e assim constituído:

Cap. Domingos Ramos (chefe do E.N.)

Cap. Adriano Augusto Machado, Serviço de Operações

Ten. Benedito Navarro, Secretária e Comunicações

Ten. João P. da Cruz, Transportes e Provisões

Ten. Procopio Davidof, Material Belico

Ten. Dr. Braulio Costa, Ligações e Transmissões

Serventes no P.C. — 15 praças.

Este heterogeneo conjunto de elementos teve pesando sobre si, a grave e imensa responsabilidade de defender a cidade de Campinas, "uma espécie de Belfort Paulista" — e que não capitulou —, e que somente ao término da memorável e histórica napoleão Constitucionalista abriu suas portas à solidariedade nacional e os seus braços fraternos a reconciliação afetiva e cordial entre os brasileiros — 30/9/32.

As paixões momentâneas turvavam por vezes a grandeza e a beleza destes sentimentos, mas a verdade é uma só: apagadas as labaredas candentes da luta de princípios e idéias, que cindiram a família, a harmonia ensolarada da boa paz, restabeleceu os felizes acordos da fraternidade e da recíproca compreensão entre os brasileiros, momentaneamente desavindos, mas libertos da mácula da aversão e do rancor.

Epilogo

A Revolução terminou no dia 28 do mês de Setembro, sendo que, no setor de Campinas, o término foi conhecido no dia 30 desse mês, consoante ordem de cessar fogo e retraimento que recebemos firmada pelo então Comandante do Setor — Paulista — Mogiana, sediado em Campinas, assim expressa: "Quartel General em Campinas, 30 de Setembro de 1932 — Major José Silva — Pedro Américo: por ordem do Sr. Chefe do E.M. da Força Pública, devem retrair-se todas as tropas a São Paulo. Solicitamos as necessárias providências para que sejam retraídos vossos elementos a Campinas e dali seguirão para a Capital, devendo levar consigo todo o material de Intendência, armas e munições, etc.

Saudações — Romão Gomes, Ten. Cel."

(Textual, original em nosso poder).

Diante desta ordem e, considerando a existência, em curso, de providências do alto Comando das forças Constitucionalistas, visando a "Cessação da Guerra" (textual, circular de instruções baixada pelo Comandante Geral da F.P.S.P.), e as recomendações que, dentro das normas regulares que disciplinam o comportamento militar, visando estabelecer uma trégua nas operações de guerra, através de um armistício devidamente concertado entre os comandos das

forças da região: Carlos Gomes — Pedreira — ao qual roba suportar em admirável estilo, o peso da enorme superioridade das forças contrárias, obrigando-as a andar devagar, na porfia das disputas do terreno.

E, ao citar esses bravos comandantes de Grupamento, não devemos faltar ao grato dever de render preito a todos os bravos integrantes desses grupamentos, referindo-lhes a origem ou procedência, exaltando-lhes a conduta destemida e firme, numa clara afirmação de fidelidade com que honraram as motivações da nobre causa que defenderam.

Eram, via de regra, grupamentos constituídos por contingentes de efetivo variado e de procedências diversas, todos com fracos recursos bélicos para atender a dura missão que se lhe destinava, num instante grave da guerra revolucionária e, numa frente que assumia relevância, no conjunto das operações que por toda parte davam crepitações à luta constitucionalista de São Paulo.

A cidade de Campinas teve a essa altura (primeiros dias de setembro), a sua vigília e defesa confiadas aos seguintes grupamentos formados por elementos de diferentes regiões do Estado, como se verá a seguir.

Domingos Ramos que confirmamos plenamente ordens que recebi General Comandante Destacamento; que não devemos romper hostilidades até esclarecer situação, em vista telegrama General Klínger ao Exmo. Sr. Chefe do Governo. Em 29 Setembro 1932. Hugo de Alencar Matos, Major".

Por esta forma, parece-nos, ficou bem claro o episódio do armistício, fatos que o determinaram, e as circunstâncias, que deram curso às medidas da sua execução. É um ato normal e previsto em minucias até, na doutrina da guerra.

No caso presente, este episódio complementa importante aspecto da Revolução Constitucionalista, dá forma e vinculação aos fatos relacionados com a defesa da cidade de Campinas e, quando mais não seja, surge como um fator a mais, para a história deste bem motivado acontecimento.

Como se vê, este longo, quão fastidioso relato, tem um aval algo alentado para algumas omissões, sendo que os vários documentos citados derim possíveis dúvidas de causas, que às vezes afloram para fustigar a realidade.

Mas tudo isso é imagem ou sombra que se liquefaz nos estreitos horizontes de uma visão complicada e nada genial. Campinas, pela sua tradição, pela sua história, pelos exemplos da sua resplandescência, foi a inspiração, a luz e a força que nos impeliu e sustentou fidelissimamente, agarrados ao sacerdotio do DEVER em continência a Lei!

E' que São Paulo foi, nessa hora de angustia e de sofrimento, a labareda, o encrespamento sublime, desfraldando para o BRASIL, o lábaro da ordem, da lei, da liberdade, da democracia, atributos políticos-sociais, que se alcandoram bem nesta síntese maravilhosa:

"CONSTITUIÇÃO"

Assim, ao deixar naqueta noite, obnubilada de 30 de setembro de 1932, a formosa e heróica cidade de Campinas, cumprindo ordens superiores, conforme se documenta, não presamos chorar, nem buscar entre as suas lindas colinas, a dos "Suspiros do Mourão", porque tudo estava em casa, e nós em paz com a nossa consciência, porque sentíamos nela, sem orlho e sem ostentação, a infinita segurança do Dever Cumprido, dentro da riqueza que é nosso padrão: A Humildade! Não há nisto virtude, há isso

sim, um longo silêncio de 41 anos que não nos pertence, nem há nele impulsos de heroísmo, nem canções de Santidade mas, e apenas, uma realidade fascinante que é potestade da história de São Paulo!

Ao encerrar este modesto e despretensioso trabalho, que nada mais é do que um assomo recordatório, da soberba epopéia paulista de 1932, focando o setor do Atibaia, onde com a graça de Deus, e a estoica bravura de Paulistas e Brasileiros, irmanados na mesma fé constitucionalista, realizaram, não diremos o milagre, mas a feliz realidade que conteve à distância durante todo o mês de setembro, as poderosas forças adversárias, que por certo tinham como objetivo fácil a conquista da terra de Carlos Gomes.

Naturalmente, não podemos imprimir a este trabalho esplendorosa pureza cultural do homem e douto historiador e homem de letras que é para a alegria nossa, velho amigo, o lidador eficiente e intimorato dr. Aureliano Leite, a quem Campinas deve notavel acervo de exaltada grandeza ao seu valor e a sua indomidade.

A sua obra "Campinas que eu vi em 1932" é uma clarina exortativa ao brío e ao valor da gente campineira.

E lá está o epilogo consolador para orgulho e desvanecimento da opulenta cidade: "Campinas só sofreria o peso da bota ditatorial após a rendição geral. Poucas cidades do Estado podem gabar-se dessa virgindade evanescendor".

Evoquemos a Campinas de 1932, para tributar-lhe, com a modestia que é a nossa razão mais forte, a homenagem estremeçada e emocional que se adensa no orgulho bom, de nos ter concedido o destino, a honra impar de comandar a sua defesa avançada que não homologou a capitulação, tão cobiciada pelas armas do outro lado.

Como isto é um pouco da história da Revolução Constitucionalista de São Paulo, comporta que se registrem alguns nomes, que sejam símbolos de todos os bravos e denodados combatentes que, agarrados ao terreno, ouviram a nossa exortação,

conclamatoria do grandeza e dos meritos da nossa causa: "A Constitucionalização do Brasil".

Além dos oficiais em atividade em nosso escalão de comando, já antes referidos, merecem referência honrosa: Major Raul Pinto de Melo da F. P. (região Carlos Gomes); Cap. Carlos Trita do E. N. (região do rio Jaguari defronte a Pedreira); Cap. Benedito Pedro dos Santos F. P. (fazenda Mato dentro); Cap. Cicero Nunes da Costa (fazenda Japonesa, na margem esquerda do Atibaia); Major Leonidas (civil), centro do dispositivo a leste de Carlos Gomes Vila. Merece citação peculiar a artillheiro Ten. Roldão (Mato Grosso) e os competentes comandantes das baterias de bombardas, já referidos.

A maior parte dos magros efetivos de que dispunhamos era constituída de voluntários, paulistas e filhos valerosos de outros Estados que, em aqui residindo, perfilharam a nobre causa por que soberaram sentir-lhe o calor nacional que a inspirara. Não sendo possível citar o seu nome, vamos invocar alguns valerosos civis que marcaram presença honrosa nesse gigantesco esforço da luta constitucionalista, e, na pessoa destes bravos defensores do grande ideal revolucionário, vai a homenagem e gratidão a quantos ali deram suor e sangue por São Paulo e pelo Brasil. E' com emoção e grande alegria que aqui alinhamos nominalmente, alguns dos muitos que merecem ser lembrados, são eles: Dr. Adalberto Bueno Neto; Dr. Percival de Oliveira; Dr. Cezario Coimbra; Antonio Ferreira Castilho; Dr. Ernesto Leme; Manoel Araujo Reis; Flavio Rodrigues; Dr. Abelardo Laranjeira; Ubaldo Leite; Francisco Vieira, e outros mais por igual valerosos, defensores da causa e de Campinas.

Esta circunstancia nos induz a um gesto de feliz solidariedade de à imensa e aguerida Legião de bravos combatentes que provaram a sua indomidade em outros setores da grande arrancada Constitucionalista, a quem reverenciamos neste instante como valentes companheiros de sacrificio e de ideal e nesta reverencia consi-

gamos aqui aos vivos, o abraço fraterno e entusiastico, pela feliz coincidência de sermos soldados da mesma causa; e aos mortos, o nosso preito de imensa saudade!

No setor da Mogiana, entre outras, merece destaque a ação valerosa e decidida da Coluna Romão Gomes, integrada por uma pleiade de valerosos batalhadores; Cap. Homero da Silveira, Ten. Hugo Bradaschia, Ten. José Moreira Cardoso e, Cap. Oliveira Machado, todos da F. P. e, os civis, autenticos balaustres de grandes feitos, Dr. Herbert Levy, Hermam de Moraes Barros, Antonio Sant'Ana e outros.

No setor Norte (chamado) a figura impoluta, heróica, invergável do Cel. Euclides de Figueiredo, o cérebro militar da histórica Revolução Paulista e seu mais vigoroso impulsor. Ao seu lado figuraram valores exponenciais do E. N. e da F.P.S.P. entre os quais merecem citação especial, os Cels. Palmercio; Sampaio; Andrade; Mario Abreu; Cap. Arci da Rocha Nobrega, todos do E. N. e, da F. P. os Cels.: José Theofilo Ramos; Reinaldo Saldanha da Gama; Herculeano de Carvalho; Inojosa; Trigueirinho e outros de igual porte. Entre os civis registramos com especial agrado os nomes de eméritos e valerosos líderes: Drs. Julio de Mesquita Filho; Francisco Mesquita; Antonio Pereira Lima; Carlos de Souza Nazareth; Amaral Melo; Henrique Bayma; Antonio Bresser Monteiro; Cezario Coimbra; Paulo Duarte e muitos mais.

No setor Sul, surge em 1.º plano o bravo e inteligente Cel. Basilio Taborda, que tinha a

auxiliá-lo uma gama de valerosos oficiais do E.N. e da F.P.S.P. dos quais citaremos em homenagem à brilhante atuação que tiveram no campo da luta, o então Cel. Milton de Freitas Almeida (E.N.), na época Major Sebastião Amaral, Cel. Luis Tenorio de Brito (Ten. Cel.), Cap. Heliodoro da Rocha Marques, Cel. José Anchieta Torres, entre outros, todos da F.P.S.P.

Termina aqui este recordar confortador, simples epilogo fraco em beleza e saber, mais sincero no aquilatar o respeito às coisas e, sublimar valores que adornam a grandeza do ideal pelo qual se afirmaram com dignificado primor e acrisolado patriotismo.

Reavivar no curso do tempo as nuances da história, é oferecer à posteridade novas motivações de evocação cívica — de evolução democrática, através de afirmações galvanizadoras das melhores tradições nacionais, às quais São Paulo deu sempre, no melhor estilo, o mais alto tributo, em memoráveis eventos da inteligência, da cultura e do trabalho profícuo, pela reputação, felicidade e glória do BRASIL.

Dr. Octacilio Lopes
C. R. M. 23

Dr. Otacilio Lopes Filho
C. R. M. 8.637

CIRURGIA DA SURDEZ
TIMPANOPLASTIAS, NARIZ,
GARGANTA E OUVIÇOS
Al. Rio Claro, 28 — (pegado ao Hospital Matarazzo). Estac. permitido. Fones: 288-1636 e 288-0016.

COLUMNAS E DIODOS
RETIFICADORES selenio - silício

UM PRODUTO ESEBRA®

ELÉTRICA-SOLDA-ELETRÔNICA, LTDA
RUA CAMPOS SALES, 135 - BRÁS
FONES 92-1181 E 292-0848 SÃO PAULO

RI-DO-RATO  O mata-rato mais implacável que existe.
Um produto COCITO - Tel.: 62-1121 - São Paulo

Se tempo é dinheiro, você já entra no Anhembi ganhando. São duas feiras juntas. A 4.ª-Feira da Técnica Agrícola e a 3.ª-Feira Internacional da Alimentação. Você pode ver, numa só visita, desde os implementos agrícolas mais modernos à maquinaria mais avançada para a indústria da alimentação, sem falar nos produtos alimentícios de todos os países, que você terá chance de conhecer.

Problemas de irrigação, inseminação artificial, aviação agrícola, maquinaria apropriada para todos os trabalhos da lavoura, plantio, colheita e beneficiamento, informações sobre crédito rural, tudo isto a FETAG lhe oferece.

Máquinas para a indústria de alimentos; panorama dessa indústria no Brasil de hoje; mostra do que fazem os demais países no ramo alimentar, e várias sessões de degustação, fazem o atrativo da FIA. Você entra no Anhembi e, de uma só vez, pode ver tudo isso.

Mas o importante mesmo são os negócios que você terá oportunidade de realizar. Do plantio ao consumo. Sem nenhuma dificuldade. Numa só visita ao Anhembi.

A FIA e a FETAG estão lá, juntas, de 13 a 22 de julho.

De segunda à sábado das 15 às 23 h e domingos das 10 às 23 h. Entrada mediante convite.

FIA FETAG



Juri da Bienal condena S. Paulo



Foto Rolando de Freitas

Congestionamento na Boa Vista: de pedestres

Obras do metrô impedem trânsito até de pedestres

As obras do metrô, que vêm dificultando cada vez mais a vida dos pedestres principalmente no Centro, causaram ontem um congestionamento de pessoas na esquina da rua Boa Vista com a rua João Bricola, na zona bancária da cidade, e na ladeira Porto Geral. Na hora do almoço, começaram as discussões, protestos e empurrões nas estreitas passarelas, de três metros de largura por quatro de comprimento, feitas pelos operários da Companhia do Metrô. Só depois de muita confusão, quase às 16 horas, as passarelas foram alargadas e os pedestres puderam passar com mais facilidade.

Até ontem, aquelas passagens não haviam causado tantos problemas. Mas na sexta-feira houve uma modificação: a que dava acesso a Boa Vista, contornando a esquina desta e atravessando-a, já no meio do quarteirão, entre a ladeira Porto

Geral e a rua Florêncio de Abreu, foi fechada. No seu lugar foi construída uma ligação a João Bricola diretamente com a passarela da Boa Vista. O cruzamento das duas é bem em frente da sede do Jockey Clube, onde a passarela da Boa Vista era mais estreita.

Ao meio-dia, começaram os problemas. Com o afunilamento do trânsito de pedestres das três ruas, era preciso mais de cinco minutos para alguém conseguir ultrapassar as passarelas. Para aumentar a confusão, uma máquina começou a espalhar um óleo avermelhado do canteiro de obras, que sujava quem passava por lá. Um rapaz, com o terno todo manchado, começou a gritar em cima da passagem, gesticulando furiosamente. E mais pedestres juntaram-se ao protesto. Foi quando os operários decidiram aumentar a passarela em frente ao Jockey, melhorando a circulação.

"São Paulo é cidade desumana, caótica. Aqui, parece que todas as coisas foram feitas para andar depressa, e não se vê o trabalho dos arquitetos; tem-se a impressão de tratar-se de cidade feita não para aumentar ou possibilitar felicidades aos homens, mas para aumentar a conta bancária de alguns especuladores".

Esta opinião é do arquiteto francês Pierre Vago, que planeja a Universidade de Lille, na França, e a catedral subterrânea de Lourdes e para quem João XIII abriu os braços, depois de rezar missa em Lourdes, dizendo: "Arquiteto, você me converteu". Pierre Vago, francês, Wolfgang Tochtermann, alemão, e Rene Caballero Madrid, colombiano, fazem parte do júri da I, a Bienal de Arquitetura, sobre a qual não quiseram falar ontem. Porém, todos concordam com as críticas sobre São Paulo.

Vago é presidente honorário da União Internacional dos Arquitetos, e acha que o profissional da arquitetura, hoje, não se deve preocupar em construir monumentos ou grandes edifícios, porque sua função é muito mais social. Por isso, o ideal do arquiteto deve ser o de construir cidades mais humanas, com menos poluição e maior tranquilidade. "Cabe ao arquiteto planejar o conjunto, e não obras isoladas", diz ele.

DECEPÇÃO

Pierre Vago conhecia alguns arquitetos brasileiros e por isso seguiu a evolução da arquitetura nacional. "Depois da segunda guerra — antes de Brasília, portanto — a arquitetura brasileira começou a evoluir. Apareceram grandes nomes, como Burle Marx, Lucio Costa, e obras do nível do Ministério da Educação, no Rio, Museu de Arte Moderna, no Rio, Conjunto de Pedregulho, a Catedral de Pampulha. A pessoa chega aqui e pensa encontrar uma escola brasileira, e decepção-se: infelizmente, os arquitetos daqui não fizeram escola. Nota-se, ao contrário, que as poucas boas obras existentes desaparecem no meio da grande massa das outras, de qualidade inferior", comenta o arquiteto francês.

"Por isso, o resultado é negativo. Se nasce uma flor num jardim de ervas daninhas, essa flor acabará morrendo. O Brasil sofre esse mesmo perigo, porque os arquitetos não desempenham suas funções. São Paulo, por exemplo, tem coisas horríveis, a poluição em todos os sentidos: visual, arquitetônica, sonora, da água e do ar. Na avenida Paulista, há algumas casas grandes, de certa qualidade que, no entanto, desaparecem no meio das outras, inferiores. O ruído polui o bom, e o compromete", afirma Pierre Vago.

O presidente honorário da União Internacional dos Arquitetos continua: "Um peixe não pode viver em água poluída. Ele morre. Também os homens não conseguem viver em cidades poluídas, e essa é a preocupação do momento. Acabo de visitar a Rússia, e vi que lá

esse é o tema predominante. Em cada quarteirão, metade da área destina-se ao verde. Não importa se o estilo arquitetônico do país tem beleza ou não; importante, sim, que ofereça bem-estar aos seus moradores, e os faça felizes".

"Hoje — prossegue Vago — o arquiteto tem papel social. Faz cidades, regiões. As escolas devem prepará-lo para essa função. Em toda a América Latina, e de resto em todo o mundo, problema igual aparece. Se um pintor pinta um quadro, quem não quiser ver, não olha. Mas todos terão que olhar e morar no prédio feito ou mal construído. O arquiteto, por isso, não é apenas o artista".

S. PAULO: MASSACRE

O arquiteto francês diz que uma pessoa de fora tem a impressão de inexistência, no Brasil, de arquitetos e urbanistas, "pois o pouco de bom que há, desaparece no massacre, na desordem, no caos que reina. Tudo parece estar em função de ganhar dinheiro e andar depressa. Não se pensa em saúde, em saúde moral, nas crianças, na tranquilidade. O importante é correr".

Para ele, seria muito bom se a escola ficasse a 500 metros, no máximo, da casa, e a criança pudesse ir até ela sozinha, sem atravessar cruzamento perigoso. "Alguém pode pensar nisso aqui?", pergunta. E afirma que "esse aspecto desumano pode comprometer o futuro do Brasil, um país muito promissor".

Entende Pierre Vago que "a grande responsabilidade, atualmente, é a política, no planejamento das cidades. Urgente e necessário transferir para pessoas realmente capacitadas a execução desse tipo de coisas, porque o melhor arquiteto nada pode fazer contra uma determinação de não

fazer nada, por parte das administrações".

Um erro que vê na formação da atual juventude estudante de arquitetura: "Nos diversos países que percorri, perguntava aos estudantes se conheciam uma obra, diziam que sim. Mas era apenas por fotografia, ou filme. Não tinham visto nada de perto, participado, sentido. E a própria arquitetura desses países fica comprometida. O país latino-americano que me pareceu melhor, nesse terreno, foi o México, que, coincidentemente, possui tradição arquitetônica". Pierre Vago, além da Universidade de Lille e da Basílica Subterrânea de Lourdes planeja muitas outras obras, como o plano urbanístico de Aries (ex-capital da França romana) e o de Luxemburgo.

"Hoje em dia — afirma Vago — o monumento é a cidade, o bairro. O arquiteto não procura a especialização, mas a síntese. Não calcula, cria. Não faz serviço particular com interesse restrito, procura sempre atender ao interesse coletivo. A função sociológica assume, na sociedade moderna, o principal papel. Não se admite uma cidade onde uma rua está sobre a outra, e os que passam na de cima enxergam os apartamentos do 3.º andar. Isso é terrível".

NA ESCOLA

W. Tochtermann é diretor da seção cultural da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), onde está há quatro anos e diz-se impressionado pela maneira rápida como São Paulo substituiu seus velhos casarões pelos edifícios de apartamentos. Acheu interessante o programa da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo.

Contudo, tem a mesma impressão de "uma cidade caótica" e acha, como Pierre Vago, que "as coisas boas desaparecem no meio da grande maioria de coisas ruins". Classifica o arquiteto alemão de "péssimo sintoma esse do homem não aguentar mais a cidade, e precisar refugiar-se no cam-

po, como necessidade premente".

Faz a crítica de Brasília: é uma cidade que tem como segunda função o lazer. "Eu não acredito em cidades planejadas antecipadamente. As coisas devem aparecer conforme as necessidades. Um zoneamento, por exemplo, é algo que não dá certo, porque quem me prova que aqui deve ficar a padaria e lá o local esportivo, e não exatamente o contrário? Numa cidade natural, as coisas surgem conforme a necessidade do povo; ela adapta-se à necessidade social". Pretende que os currículos das escolas de arquitetura, além de técnica e estética, ensinem, também, sociologia, psicologia, economia e geografia, para completar a formação do arquiteto.

O arquiteto colombiano René Caballero Madrid, presidente da Sociedade Colombiana de Arquitetos e do Instituto de Crédito Territorial (correspondente ao BNH brasileiro) acha, da mesma forma, que o maior papel do arquiteto, no mundo de hoje, é a construção social, "onde a arquitetura seja um produto do meio".

OFICINA ESPECIALIZADA EM:
OPALA E VOLKSWAGEN

PREÇO ÓTIMO DE MÃO-DE-OBRA

"SERV-OPA" — RUA CLELIA N.º 651 — LAPA
Regulagem de motores com aparelhos eletrônicos — Câmbio — Diferencial — Suspensão — Amortecedores — Ferramentas de precisão — Mecânicos com curso de fábrica.

IMÓVEL

Incorporação — Indústria
Negócio direto

9.000 m2 terreno — 9.100 m2 construção
2 km largo da Sé

20% entrada — Restante TP, grande prazo
Marcar entrevista com Isilda — 35-3555

uma refeição
caprichada é
regada com vinho
TRAPICHE
TINTO - BRANCO - ROSE

FACULDADE DE BELAS ARTES DE SÃO PAULO

Inscrições abertas para concurso vestibular até 5 de agosto
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES INDUSTRIAIS

CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE DISCIPLINAS ESPECIALIZADAS
Autorizados pelo Governo Federal — Decreto n.º 72.393 de 25-6-73

NUMERO DE VAGAS: 160 manhã — 160 noite

Prospectos e informações: das 8 às 22 horas.

Praça da Luz n.º 2 — 2.º pavimento — Tel.: 227-4530 — C. Postal 13.829

NOVOS TELEFONES

DO

GRUPO PABREU NAÇÕES

BANCO — FINANCEIRA — TURISMO — SEGUROS
PABREUTEXTIL — PABREUMARAJÓ — PABREULANDIA
36-0101 * 33-1311 * 36-2111

FACULDADE DE FILOSOFIA CIENCIAS E LETRAS DE TAUBATÉ

De ordem da Srna. Diretora, Profa. Adélia Ferri Simi, comunico aos interessados que estão abertas na Secretária da Faculdade, de 11 de Junho a 14 de Julho de 1973, as inscrições para o Concurso-Vestibular à Matrícula do I Grupo dos Cursos de:

LETRAS

HISTÓRIA

PEDAGOGIA

CIÊNCIAS

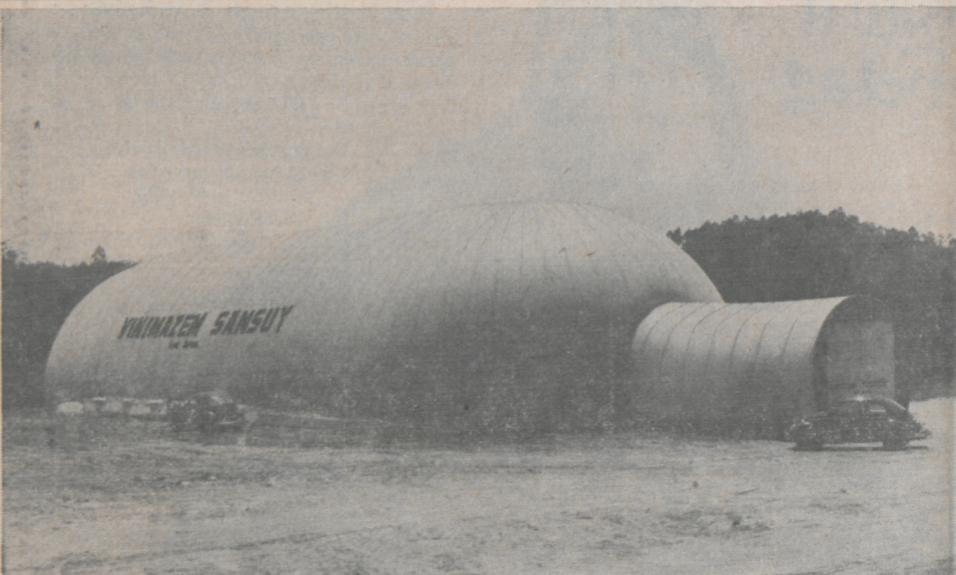
MATEMÁTICA

FÍSICA

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O exame será realizado no dia 16 de Julho de 1973, às 08,00 horas. — Maiores informações e prospectos na Secretaria da Faculdade, à Rua Visconde do Rio Branco, n.º 22 ou pelos telefones: 2-3874 ou 2-2500.

RENATO SIMI — Secretário



IDÉIAS AREJADAS GERAM BONS LUCROS. AQUI ESTÃO ALGUMAS PROVAS DISSO:

CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL (2)* • GENERAL ELECTRIC • RHODIA (2) • ULTRAFÉRTIL (3) • COPAS • BROWN BOVERI • ROBERT BOSCH • KIBON • GLASURIT • SANBRA (5) • SADIÁ • MINASA • LANIFÍCIO KURASHIKI • ÓLEO ANDIRÁ • POLIQUÍMICA • VALISÈRE • LANIFÍCIO AMPARO • CONSTRUTORA RABELLO (3) • MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA (2) • TRANSPORTES FINK (10) • NEVA • FRIGOBRÁS • COOP. TRITÍCULA AUTO JACUÍ • COOP. AGRÁRIA DOS CAFEICULTORES DA NOVA LONDRINA • CESA (2) • COOP. AGRÍCOLA DO OESTE.

(*) QUANTIDADES ADQUIRIDAS

Uma lista de clientes como essa talvez seja o maior argumento do armazém inflável Vinimazem, da Sansuy. Mas certamente não é o único. Fabricado em Vinilona Sansuy, Iona de PVC com trama sintética, o Vinimazem não resseca nem amolece, é anticombustão e imune a intempérie, umidade, fungos, raios ultra-violeta e produtos químicos. Hermético, sem colunas internas, de fácil transporte e

montagem rápida em qualquer terreno plano (terra batida ou pavimentado), o Vinimazem é inflado em 30 minutos e o ventilador permanece em funcionamento para a refrigeração contínua do interior, garantindo a conservação dos produtos. Para ver sua firma nessa lista e seus lucros crescendo num espaço de 5.000 a 70.000 m³, com capacidade variando de 50.000 a 500.000 sacas de cereais, entre em contato com a Sansuy. O Vinimazem espera ansioso para engolir o seu estoque.

sansuy s.a.

INDÚSTRIA DE PLÁSTICOS

Rua Belchior de Pontes, 176/184 - Fones: 286-3007 - 286-3689 - 286-2751
286-6876 - Caixa Postal 11043 - Endereço Telegráfico "Sansuyplastic" - Butantã - São Paulo. -
Fábrica: Rodovia Regis Bittencourt (BR 116) Km. 26 - Embú - São Paulo.
Rua Senador Vergueiro, 138 - conj./1102 - Fone: 245-3524 - Flamengo - Rio de Janeiro.